



## DESAFIOS E PERSPECTIVAS: O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA SURDOS INCLUSO EM ESCOLA REGULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Amanda Silva de Santana<sup>1</sup>  
André Ricardo Lucas Vieira<sup>2</sup>  
Pedro Paulo Souza Rios<sup>3</sup>

GT6 - Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade

### RESUMO

Esse artigo é fruto de uma pesquisa realizada na Escola Municipal Alice Lopes Maia, na cidade de Filadélfia/BA. Teve como objetivo investigar a inclusão de um aluno surdo no ensino regular, observando as dificuldades da escola em receber esses alunos e os desafios enfrentados pelo educador ao ensinar Matemática a uma classe regular, cujas turmas são compostas de alunos surdos e ouvintes. Para tanto, como abordagem metodológica foi utilizado uma pesquisa qualitativa, apresentando um questionário a diretora da escola e a professora que leciona a disciplina de Matemática para o aluno surdo contendo perguntas abertas e fechadas. No resultado da pesquisa percebe-se, que a professora, quanto a escola, não estão preparados para atender esses alunos e suas respectivas peculiaridades. Desta forma, torna-se um desafio tanto para escola quanto para o professor a inclusão de aluno surdo no ensino regular, pois não se sentem preparados para receber esses alunos. É necessário que a escola como um todo seja um espaço inclusivo, oferecendo igualdade de oportunidade aos educandos.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Aluno Surdo. Escola Regular. Ensino de Matemática.

### RESUMEN

Este artículo es fruto de una investigación realizada en la Escuela Municipal Alice Lopes Maia, en la ciudad de Filadélfia / BA. En el caso de los alumnos de la escuela secundaria, los alumnos de la escuela secundaria y los alumnos de la escuela secundaria. Para ello, como enfoque metodológico se utilizó una investigación cualitativa, presentando un cuestionario a la directora de la escuela y la profesora que enseña la disciplina de Matemáticas para el alumno sordo conteniendo preguntas abiertas y cerradas. En el resultado de la investigación se percibe, que la profesora, como la escuela, no están preparados para atender a esos alumnos y sus respectivas peculiaridades. De esta forma, se convierte en un desafío tanto para la escuela y para el profesor la inclusión de un alumno sordo en la enseñanza regular, pues no se sienten preparados para recibir a esos alumnos. Es necesario que la escuela como un todo sea un espacio inclusivo, ofreciendo igualdad de oportunidad a los educandos.

**Palabras clave:** Educación inclusiva. Alumno Sordo. Escuela Regular. Enseñanza de Matemáticas.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Educação – Campus VII no município de Senhor do Bonfim/BA. E-mail: [amandasantana.ah\\_show@hotmail.com](mailto:amandasantana.ah_show@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Educação – Campus VII – Colegiado de Matemática no município de Senhor do Bonfim/BA. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Contextos e Cognição na Educação de Jovens e Adultos – CCEJA. E-mail: [sistlin@uol.com.br](mailto:sistlin@uol.com.br)

<sup>3</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Sergipe (UFS). Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Educação – Campus VII – Colegiado de Pedagogia no município de Senhor do Bonfim/BA. E-mail: [peudesousa@yahoo.com.br](mailto:peudesousa@yahoo.com.br)



## INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos surdos no ensino regular vem sendo muito discutido nos últimos dias, é um dos grandes desafios que a educação enfrenta hoje.

Dados mais recentes do censo realizado pelo IBGE, apontam que o número de surdos no Brasil é mais de 10 milhões, surdos total e surdos parcial; isso nos mostra o quanto está crescendo a comunidade surda, e quanto mais cresce mais reforça a luta pela inclusão.

Durante muito tempo os surdos eram vistos como um deficiente mental, os pais que tinha filhos surdos era motivo de vergonha, então eram excluídos sem direito a trabalho, saúde, bem-estar e educação, a sociedade considerava incapazes não podendo participar do meio social como os ouvintes.

Depois de muito tempo de luta a comunidade surda obteve um ganho importante, abrigando a inclusão de libras nos currículos, foi uma realização de um sonho esperado depois de muitos anos de lutas, que foi a regulamentação da lei 10.436 do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Por meio dela a língua de sinais (LIBRAS) tornou-se reconhecida nos cursos de licenciatura nas universidades. A mesma tem grande contribuição com a inclusão dos surdos nos espaços escolares regulares do Brasil, para eles foi o documento muito significativo.

Segundo uma conferência em Salamanca (1994, p. 61) definiu o princípio de uma escola inclusiva.

As crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos por meio de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade.

A inclusão de alunos surdos ainda é um desafio para a escola como um todo, uma escola inclusiva deve oferecer várias probabilidades de aprendizagem, para que isso ocorra é necessário a preparação do professor interprete, funcionários, adequação das salas e o principal, professores qualificados para assim facilitem a aprendizagem, para que os surdos tenham uma educação que almejam.

Mas diante disso vem algumas indagações, a inclusão está sendo feita? será se a escola está habilitada para receber esses alunos? que dificuldade o professor que ensina matemática enfrenta para ministrar aula para surdo e ouvintes? os professores estão preparados para



atender esses discentes e suas peculiaridades? que conhecimento o professor de matemática precisa para atuar com educandos com surdez? São esses questionamentos que será desenvolvido no trabalho.

Sendo assim, o trabalho está aliado às discussões em alguns autores como Dorziat (2009) que defende a educação de surdo no ensino regular, Lacerda (2009), que aborda a importância de o professor regente conhecer a língua de sinais e Moreira (2016) que apresenta a importância do professor estar sempre em busca de uma formação continuada. No primeiro momento, são analisados a inclusão de surdo no ensino regular e posteriormente aborda o desafio de ensinar Matemática para esse aluno.

Assim, o trabalho foi desenvolvido na Escola municipal Alice Lopes Maia na cidade de Filadélfia, na Bahia, com a diretora da escola e com uma professora que leciona Matemática para uma turma do 9º ano, composta de alunos surdos e ouvintes. Com base nisso, procuramos analisar a inclusão de discentes surdos no ensino regular, e os desafios docente em ensinar Matemática para o mesmo, propondo uma escola bilíngue para todos; e que tanto a escola como os professores atendem as perspectivas do surdo, ofertando um ensino de qualidade para que assim melhorem suas aprendizagens.

## **INCLUSÃO DE SURDO EM ENSINO REGULAR AINDA É UM DESAFIO**

O que é inclusão? É uma forma de incluir algo quando está excluído, levando para o contexto escolar, significa uma educação aberta, diversificada, que possa ensejar condições para atender as necessidades especiais do indivíduo valorizando a diferença. De acordo com Segala (2009), estar incluído significa sentir parte do mundo, compartilhar o mundo do outro, poder adentrar-se nele.

A LDB (lei e diretrizes de bases) é grande contribuinte para a inclusão, dá atendimentos para alunos especiais nas escolas regulares privadas ou públicas, trata de uma reestruturação das ações sociais, culturais, e políticas, oferecendo direito aos cidadãos de coabitar no mesmo espaço educativo, isso significa que qualquer instituição de ensino deve não só aceitar, mas oferecer materiais, estrutura física e pedagógicas. Salamanca (1994) afirma independente da sua etnia o direito de igualdade é para todos.

Mesmo com muitos ganhos para a comunidade surda, e a lei revigorando os seus direitos ainda existe preconceito e não aceitação no âmbito escolar e na sociedade. D'antão (1997) quando se fala na inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais em salas de



aula do ensino regular, duas constatações são expressas pela maioria dos profissionais: preconceito e ignorância.

Nos dias atuais, o bilinguismo vem favorecendo a comunidade surda, é a forma adotada para expressar em duas línguas; ela está sendo utilizada como um método de inclusão no desenvolvimento da educação dos surdos em ensino regular. Com isso, para que o aluno esteja inserido na sala de ouvinte é indispensável que se tenha presença de professores bilíngues, e interprete para está auxiliando os docentes para melhor facilitar no ensino, e para isso é substancial que toda a comunidade escolar respeite a língua de sinais e aceite a cultura surda.

O papel da educação especial é integrar os alunos no contexto escolar, porém nem todos que vão para a escola regular está incluído, percebe-se que o atendimento ao surdo ainda é um desafio por parte da escola, professores, alunos, ou seja, a escola em geral por falta de preparo. É importante que a rede pública oportunize esses espaços não formais, por exemplo, o espaço escola para a inclusão, para que eles se sintam motivados e incluídos em sala de aula juntos com as pessoas ditas normais, e que isso não possa ser notado como uma coisa diferente, mas com uma naturalidade.

É importante frisar, que não basta matricular o aluno surdo na sala de ouvintes, nem tampouco pôr o ouvinte na sala do surdo. Isso não é inclusão. Mas, para que tenha inclusão e a criança surda tenha um bom desenvolvimento é necessário, bom acompanhamento, professores capacitados para atende-lo, caso contrário só irá excluir e dificultar no ensino aprendizagem. A formação traz uma certa tranquilidade da forma de abordagem melhor, procura a forma adequada de fazer absorver o determinado conhecimento, estimula-lo a acreditar que a escola é possível e viável para eles, a inclusão é mais que uma questão humanista, dá direito a essas pessoas de dignidade.

Para que tenha a inclusão no âmbito escolar é essencial uma preocupação de professores a coordenadores, ou seja, que o trabalho não seja efetuado só dentro da sala de aula, mas fora dela também, observando as necessidades individuais existente nos alunos. Toda equipe deve estar acompanhando o seu desenvolvimento ofertando materiais, sala de recursos multifuncionais para estar atendendo esses discentes.

A família é uma ferramenta alicerçal no processo de inclusão e no ensino aprendizagem, pois tem o papel de preparar a criança para conviver no mundo social, é ela que oferece a primeira formação podendo oferecer espaço inclusivo passando a coabitar com o que se diz “diferente”, tornando-o igual, cidadãos inteligentes e pensantes.



Silva e Pinto (2017, p. 32) entendem que

Uma escola pode ser dita inclusiva quando entende que a diferença é um fator que enriquece o processo educacional, que para tanto precisa se reinventar em suas práticas e objetivos, de maneira que todos sejam realmente participantes.

Observa-se para obter sucesso na inclusão é necessário a sociedade como o todo, família, escola, e o professor que é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento da criança surda, é ele que tem a função de motiva-lo, a superar as frustrações, aumentar a independência tornarem corajosos, reforçando sua identidade; cabe também que o professor esteja ciente o papel que desempenha nesse processo.

## **O DESAFIO DE ENSINAR MATEMÁTICA PARA ALUNO SURDO**

Para se realizar uma aprendizagem significativa em matemática em classes de alunos surdos e ouvintes é imprescindível o desempenho do professor, e isso precisa o querer para fazer.

Segundo Feltrin (2007, p.20) “no professor/educador pode-se ver a imagem de um semeador: o semeador de alguns anos atrás que, enchendo as mãos de grãos, lançava muitas sementes em terrenos os mais diversos”.

Feltrin faz um pequeno levantamento do professor como um semeador. O semeador para colher seus frutos além de lançar sementes, deve arar a terra, limpar e acompanhar o desenvolvimento para assim colher os frutos. E o professor? Ele precisa suar, lutar, enfrentar vários desafios, recursos, escola, sociedade, desvalorização, cobranças, pedras no caminho da colheita, para assim colher seus frutos com sucesso.

Com essa reflexão apresenta muitas questões em debates sobre a inclusão de surdos em escola regular, mas o que dizem os professores nesse cenário dito inclusivo. Será se o professor está em busca por uma qualificação para que assim melhore no ensino aprendizagem, e contribua para o desenvolvimento do educando? ou melhor, será se estão prontos para atender esses alunos e suas peculiaridades?

Nesse sentido percebe-se, que é um desafio para os docentes atuar com a diversidade que existe em uma sala de aula. O professor deve estar sempre em aprimoramento para atender esses desafios podendo assim, eliminar barreiras existente no cotidiano escolar.

Para Figueiredo (2002, p. 23)



Trabalhar com os surdos não requer uma especialização para reduzir o termo às suas deficiências, mais o aprimoramento do professor no ensino e na aprendizagem para que ele seja capaz de identificar as dificuldades de seus alunos, visando eliminar as barreiras próprias de suas relações na escola.

A grande dificuldade além de comunicar com o surdo é adaptar a linguagem matemática, mas de que forma deve ser ministrada as aulas de matemática para que eles alcancem um bom aprendizado, já que a matemática é vista como um bicho de sete cabeças. Como passar esses conteúdos para os alunos quando o professor não conhece libras?

A matemática além de ser uma disciplina temida por muitos, ou melhor, vista como de difícil compreensão, com isso os alunos não têm prazer em aprender, é um grande desafio para o professor, além de fazer ele ter desejo em aprender, ainda adaptar a linguagem matemática com a língua de sinais, quando nem mesmo o educador conhece um pouco a LIBRAS. É de grande regalia que o professor esteja sempre em formação continuada, para assim ensinar a matemática de maneira significativa, para melhora no ensino aprendizagem.

Moreira (2016, p. 47) salienta que

Inicialmente, gostaria de deixar claro que, por mais de duas décadas, atuei na Educação Básica e, em diversos momentos, me deparei com alunos surdos e/ou com deficiência auditiva em minhas aulas de Matemática. Em todos os momentos, sempre busquei a formação continuada para tentar amenizar os problemas que enfrentaria em sala de aula e, mais ainda, procurei traçar um caminho que rompia com as atitudes que colocam o aluno, tanto da escola regular quanto da Educação Especial, como ser passivo do processo ensino-aprendizagem.

Carraher (1995) aborda que a aprendizagem da Matemática é um momento de interação entre a Matemática organizada pela comunidade científica, isto é, a Matemática formal, e a Matemática como atividade humana, sendo essa última entendida como a utilização, na nossa vida cotidiana, dos conhecimentos adquiridos na escola. Observa-se que os alunos surdos têm seu próprio conhecimentos, e esses são trazidos para a escola ideias e culturas construídas e vivenciada em sua comunidade.

Os discentes surdos chegam na escola com pensamentos diferenciados de quantificar, ordenar, medir, classificar, além de atuar de acordo o meio em que vive. Assim, para que o aluno adapte o mesmo espaço que o ouvinte é necessário uma forma contextualizada que facilite no âmbito social. Para isso, o educador tem que buscar sempre boa metodologia como



jogos, atividades em grupos para ter a inter-relação entre eles, elaborando intervenções, encorajá-lo a ajudar o colega para reduzir o isolamento social, e o aluno se sinta incluído.

As escolas tanto municipal, estadual e federal que recebe aluno surdo é obrigatório que se tenha interprete para estar auxiliando os professores, mas isso não quer dizer que o docente não precise de qualificação, é preciso que se capacite para ajudar a intérprete, pois tem algumas expressões matemática que não sabe passar, ou talvez, tenha dificuldade na tal disciplina e não entende o conteúdo e acaba passando o assunto atropelado, já o professor vai saber onde estão as dúvidas, o que não está se desenvolvendo mostrando meios e métodos para o entendimento, já que a matemática é vista como uma disciplina complexa.

Outro fator importante são professores que leciona em uma sala cheia de alunos surdos e ouvintes, o docente não consegue dá atenção devida para o aluno sempre, ou seja, quase nem existe interação com educando, ele chega despeja a preocupação para intérprete achando assim que a interprete que é obrigado para o desenvolvimento, o educador se quer observa, acompanha, para quem assim obtenha bom desempenho para minimizar as dificuldades em matemática.

O educador é uma ferramenta fundamental para a integração da criança no ensino regular em que aceite essas crianças fazendo com que outras crianças a aceitem. É ele que vai colaborar com a comunicação de professor-aluno, aluno-aluno, sendo capaz de obter uma boa convivência social. O professor ele deve reconhecer a importância da sua função em ter aluno surdo, eles devem acreditar no potencial dos mesmos, e são eles que são responsáveis pelo aprendizado podendo motiva-lo, ajudando a superar o preconceito, reforçando sua identidade na sociedade.

Segundo Lorenz (1999) o professor valoriza a aprendizagem como esforço, e não como resultado. Envolvem os colegas, outros professores, os pais de seu aluno, demonstrando que podemos ensinar dando ferramentas para que todos os alunos desenvolvam o hábito de pensar, refletir sobre as situações, fazer escolhas e determinar estratégias para solucionar problemas, e que possam participar das decisões, sem ser apenas o objeto delas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada de caráter qualitativo, teve como campo de pesquisa a Escola Municipal Alice Lopes Maia, na cidade de Filadélfia/BA, com o objetivo de conhecer o desafio da escola em receber alunos surdos e o desafio docente em ensinar Matemática para esses alunos.



Para coletar as informações necessárias, no primeiro momento realizou-se uma visita a escola com o objetivo de observar se é um espaço inclusivo e se está preparado para receber alunos surdos. Em seguida, procedeu-se observação das aulas de Matemática em uma classe de alunos surdos e ouvintes do ensino fundamental II na turma do 9º. Foi desenvolvido um questionário para a diretora e para a professora que leciona Matemática, procurando investigar as dificuldades em ensinar esses alunos e o desafio da presença deles nesse espaço inclusivo; o questionário teve como objetivo analisar e refletir os seguintes pontos: se a escola está preparada para receber esses alunos e o que a escola precisa para tornar esses discentes inclusos, a integração do aluno surdo no ensino regular, se a escola tem materiais, as dificuldades dos alunos em aprender e a metodologia utilizada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Na visão da diretora da escola

Foi direcionado a diretora se a comunidade escolar conhece a libras, disse que não. Em seguida, se a escola está preparada para receber aluno surdo e se houve palestra ou curso de preparação para toda a comunidade escolar sobre a inclusão de surdo, mas ainda não teve. Essas perguntas objetivaram-se no sentido de saber se a escola está ciente sobre inclusão e se está preparada para ser um espaço inclusivo, nota-se que não estão; é interessante que toda escola tenha uma boa base sobre a libras para que haja comunicação com o surdo, para que se sintam inclusos sem se sentir diferente.

Procuramos se tem interprete de libras, tem sim e se tem algum acompanhamento especializado fora da sala de aula, disse que não. Já é um passo dado a presença da interprete auxiliando a professora. É interessante que o aluno surdo tenha um acompanhamento fora da sala em turno inverso para melhor aprender o assunto e acompanhar os alunos dito normais, pois sabemos que a aprendizagem de um aluno surdo é mais lenta em relação a crianças ouvintes uma vez que, o aluno precisa entender a explicação do docente por meio do interprete para depois copiar as anotações do quadro.

Esses questionamentos objetivaram a saber como está sendo esse espaço escola, é mesmo inclusivo? Diante disso, observa-se que a escola precisa de uma preparação de projetos, palestras sobre inclusão, curso de libras para atender esses alunos, pois uma escola inclusiva é mais que criar vaga, mas é oferecer toda assistência para receber esses alunos, é



um desafio para todos, mas é a maneira de incluir o aluno nesse espaço para que se sintam com capacidade de aprender juntos com outros alunos.

### **Na visão do professor**

Sabemos que para ensinar matemática em relação ao aluno surdo é um grande desafio para os professores, pois não estão preparados com a inclusão. Para trabalhar com aluno surdo em escola regular é indispensável a adaptação da sala de aula, pois não é mais formada só com ouvintes, mas em ambos.

De início procuramos investigar se o professor tem conhecimento sobre LIBRAS ela afirmou que não ter. Observa-se, que o professor não tem conhecimento para trabalhar com esse discente, então como se aproximar ou trabalhar com esses alunos sem se comunicar com eles.

E quando questionado sobre a dificuldade em ministrar uma aula para turma de surdos e ouvintes, afirmou ainda tenho dificuldade na linguagem de libras pois no tempo de graduação não teve essa disciplina, mas afirma que no início foi complicado, mas com o tempo foi se adaptando, e com a ajuda da interprete fica mais segura para melhor fixar o assunto e minimizar a situação, mas a aula torna mais lenta. As dificuldades surgidas é porque o professor não cursou libras, então não sabem quase nada sobre ela, então o que ameniza essa situação é a interprete que mantém a comunicação do professor e aluno.

Ao investigarmos qual a interação do professor com o aluno surdo, a professora respondeu que a interação é mínima quase nem existe. Isso mostra a necessidade do docente se qualificar para ter uma comunicação com esse aluno e não despejar a preocupação da aprendizagem do aluno para a interprete, pois a interprete está para auxiliar e melhorar no processo, mas a responsabilidade em ensinar e aprender é do professor.

Uma boa metodologia trabalhada é essencial para ensino aprendizagem do aluno, então procuramos a professora qual a metodologia utilizada para atender essa diferença, a professora disse que não modificava e que se sente despreparado a que tipo de metodologia utilizar e que ainda é novidade atender as necessidades especiais desse individuo, mas sempre perguntava a interprete se o aluno tem dúvida caso surgir, esclarece com a ajuda do mesmo. Com isso, percebemos que por mais que a professora saiba que necessita adotar uma nova metodologia algo visual, expositivo, ou seja, diferenciada os mesmos não adotam em suas práticas pedagógica por não conhecer a língua de sinais.



Sendo assim, é um desafio de início para o professor em adaptar uma nova realidade dificuldades virão, mas é preciso coragem, o querer para assim fazer com que os alunos surdos quanto ouvintes tenha gosto em aprender matemática. É preciso que o professor adote uma nova metodologia é necessário interatividade, e o principal estar em formação continuada sempre para atender a diversidade existente na prática docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do aluno surdo em ensino regular ainda é um desafio para os docentes, fica claro que é ainda um processo muito lento para atender esses alunos. Esta pesquisa trouxe informações significativa expondo a realidade de como vem acontecendo o ensino de matemática para o aluno surdo, mostrando a falta de preparo tanto do professor como a escola a adaptar com a diversidade.

A diversidade enriquece a sala de aula onde aprende novas culturas, jeito, passa a conhecer o mundo do outro, ou seja, aprende com o diferente, assim acaba com o preconceito. Cogitar sobre surdez é entrar no mundo dos surdos, é ouvir as mãos que falam e transmite várias ideias e conhecimentos.

É imprescindível que seja vista a formação desses atores professor e aluno, precisamos de professores que tenha uma mente aberta para mudança, aperfeiçoamento para assim ser capazes enfrentar desafios. Como educadores deve abrir-se a essas novas experiências, porque hoje é tendencial a haver essa inclusão e não podemos jamais se recuar, deixar de querer fazer e omitir a fazer parte desse processo.

O importante é que o professor esteja aberto às inovações, tais como a valorização e o reconhecimento da diversidade do processo de ensino-aprendizagem, sempre buscando estar em contato com novas ideias, ampliando seus conhecimentos além da formação acadêmica, para poder acolher bem os alunos especiais e agir de maneira competente diante das situações que surgirão na sala de aula. (FIGUEREDO, 2002, p. 25).

Portanto, a escola deve-se reestruturar para recepcionar esses discentes surdos, intérprete, professores, precisa compromisso de toda a comunidade escolar, ter disponibilidades de mudança, buscar qualificação para aprender a se comunicar por meio de libras, tornando o ambiente escolar como um espaço inclusivo capazes de enfrentar desafios, conseguindo assim, fazer a ponte entre a diferença do ensino para surdos e ouvintes. Espera-se, que esse artigo chame atenção de todo o espaço educacional e que tenha contribuído no



sentido de superar as dificuldades apresentadas, não apresenta receitas, mas sugestões a serem adaptadas no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Declaração de Salamanca. Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial.** Espanha, 1994.

BRASIL. **Lei Nº 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília - DF: Congresso Nacional. 23 de dezembro de 1996.

CARRAHER, T. **Na vida dez, na escola zero.** São Paulo: Cortez, 1995.

D'ANTINO, M. E. F. **A Questão da Integração do Aluno com Deficiência Mental na Escola Regular.** São Paulo: Memnon / SENAC, 1997.

FELTRIN, A. E. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença.** 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FIGUEIREDO, R. V. Políticas públicas de inclusão: escola-gestão da aprendizagem na diversidade. In: ROSA, D. E. G. e SOUZA, V. C. (Orgs.). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LACERDA, C. B. F. de. **O intérprete de língua Brasileira de Sinais: Investigando Aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LORENZ, S. **Fazer o trabalho de inclusão para crianças Deficientes.** Notícias e Update, 1999.

MOREIRA, G. E. **O ensino de matemática para alunos surdos: dentro e fora do texto em contexto.** Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/viewFile/23486/pdf>>. Acesso em: 14 de nov. 2017.

SILVA, J. A.; PINTO, G. M da F. **As lições do professor de Matemática e do interprete educacional de Libras junto ao aluno surdo.** Disponível em <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/as-aco-es-do-professor-de-matematica-e-do-interprete-educacional-de-libras-junto-ao-aluno-surdo-incluido-na-sala-de-aula-regular>. Acessado em: 23/10/2017.

SEGALA, S. R. **ABC em Libras.** São Paulo: Panda Books, 2009.